

O ENIGMA DA ENERGIA ESCURA: EMICIDA E SEU QUILOMBO NA TV

Leonardo Bião¹

Resumo: Este ensaio tem como finalidade observar, a partir da série “O Enigma da energia escura” do canal por assinatura GNT, o protagonismo de corpos pretos em espaços midiáticos de poder, não só frente às telas, mas também na sua produção. Para tanto, tomamos como referencial teórico os conceitos de quilombismo e decolonialidade e pensamento afrodiaspóricos. Encabeçada pelo artista Emicida, a série convoca personalidades, pensadores, acadêmicos e artistas pretos para discutir pautas afrocentradas, disputando espaço em uma grade de programação majoritariamente branca.

Palavras-chave: Quilombismo; televisão; Emicida; protagonismo negro.

Abstract: The purpose of this essay is to observe, based on the series “The Enigma of dark energy” from the subscription channel GNT, the protagonism of black bodies in media spaces of power, not only in front of the screens, but also in their production. To this end, we take as a theoretical reference the concepts of quilombism and decoloniality and Afrodiasporic thinking. Headed by the artist Emicida, the series summons black personalities, thinkers, academics and artists to discuss Afro-centered agendas, vying for space in a mostly white programming grid.

Keywords: Quilombism; decoloniality; television; Emicida; black protagonism.

¹ Doutorando do Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Cultura Contemporâneas da Universidade Federal da Bahia (PÓSCOM/UFBA). Pesquisador do Centro de Pesquisas em Estudos Culturais e Transformações na Comunicação (TRACC/UFBA). Professor dos cursos de Comunicação e Design do Centro Universitário Jorge Amado (UNIJORGE) E-mail: leonardo.biao@unijorge.edu.br

“Tudo que nós tem é nós”: quilombismo e coletividade

“Um futuro melhor e de qualidade para a população afro-brasileira só poderá ocorrer pelo esforço energético de organização e mobilização coletiva”
Abdias do Nascimento

“Sendo o povo negro a maioria da população brasileira, fica a pergunta: se somos a maioria, porque ainda somos a minoria?”
Emicida

Em 1º de agosto de 2021, estreou no canal de TV por assinatura GNT a série “O enigma da energia escura”, apresentada pelo cantor Emicida, produzida pelo seu irmão Evandro Fióti, com direção de Day Rodrigues, Emílio Rodrigues e Mariana Luzia. Composta por cinco episódios, a série traz para o foco a discussão sobre temas pouco presentes na televisão brasileira, como economia e desigualdade social, a importância cultural e política dos blocos afros baianos, resistência, sabedoria ancestral e negritude – a ideia de negritude que referencio aqui está em consonância com a ideia sustentada pela série e passa pelos lugares da valorização da cultura e fortalecimento das comunidades negras no seu nível social e político.

A série conta com a participação de pensadores e artistas negros, como o professor e economista Hélio Santos, a compositora, cantora e atual Ministra da Cultura Margareth Menezes, a rapper trans Winnit, dentre outros, resgatando falas de Lélia González e Abdias do Nascimento. Na trilha sonora, os episódios são conduzidos pelo rap, hip hop, samba e o samba reggae, aqui representados pelos trabalhos de Drik Barbosa, Muzenza, Lazzo Matumbi, Racionais MC’s, Souto MC e Altay Veloso. A equipe de produção, com maioria formada de profissionais negros, é marca da Laboratório Fantasma, produtora de Emicida e Fióti, que há 12 anos é responsável pelos empreendimentos artísticos dos irmãos e que disputa por mais diversidade nas narrativas nos segmentos das artes no Brasil. A série chega à TV após o lançamento de outros produtos audiovisuais que seguem nessa mesma esteira de pôr no centro da discussão temas relacionados à raça, negritude e diversidade, como o documentário

“AmarElo: é tudo pra ontem”, lançado pelo Netflix em 2020 e a iniciativa multiplataforma “AmarElo Prisma”, disponível em vídeo no Youtube, em texto e imagem nas redes sociais Instagram, Facebook e Twitter e em podcast nas demais plataformas de áudio, ambos derivados no disco “AmarElo”, lançado em 2019.

Esse ensaio tem como objetivo compreender “O enigma da energia escura” enquanto um modelo de quilombo na TV, uma vez que “representa um instrumento vigoroso no processo de reconhecimento da identidade negra brasileira para uma maior autoafirmação étnica e nacional” (NASCIMENTO, 2006, p.125) e apresenta caminhos possíveis de liberdade, resistência e “luta contra exploração, a opressão, o racismo e as desigualdades motivadas por raça, cor, religião ou ideologia” (NASCIMENTO, 2002, p.137). Entendemos que a série apresenta uma proposta decolonial capaz de “esclarecer e sistematizar o que está em jogo, elucidando historicamente a colonialidade do poder, do ser e do saber e nos ajudando a pensar estratégias para transformar a realidade” (BERNARDINO-COSTA, et.al, 2018, p.10) e se configura enquanto quilombo também por, assim como Emicida vem fazendo já há alguns anos, disputar espaço na grade de programação de um canal por assinatura que, embora faça reconhecidos esforços para incluir diversidade em seu quadro de pautas e apresentadores, ainda é majoritariamente branco.

Já no primeiro momento da série, somos apresentados ao estúdio de onde Emicida comanda o programa: no cenário, que faz uma alusão direta à origem da cultura hip hop na década de 1970, equipamentos eletrônicos antigos, sucateados, denotam também uma ideia de TV pirata, que corrompe o sinal oficial de da emissora e assume, mesmo que momentaneamente, os rumos da transmissão. Dali, o cantor vai alinhavando os discursos dos diversos convidados que tecem uma visão panorâmica de diversos aspectos a respeito de temas da negritude, raça, cultura, diáspora, preconceito, racismo e ancestralidade. Aqui, defendo a ideia de quilombo a partir de “O enigma da energia escura” justamente pela série reunir majoritariamente pensadoras(es), professoras(es), pesquisadoras(es) e demais personalidades negras – apenas uma convidada de toda a série se autoidentifica como branca. Lélia Gonzales (2020, p.120) chama atenção para este movimento que é feito pela série: a valorização da produção científica realizada pelos negros desse país, que é caracterizado “pelo avanço, autonomia, inovação, diversificação e credibilidade nacional e internacional; o que nos

remete a um espírito de profunda determinação, dados os obstáculos impostos pelo racismo dominante”.

Emicida, ainda no primeiro episódio – que é apresentado sob o título “Porque a desigualdade racial é uma grande burrice?” – convoca-nos a refletir sobre o tema do quilombismo afirmando que “a história do povo negro foi construída, apesar do apagamento. Excluído, o povo negro cria espaços de resistência”. Na tela, vemos uma série de ilustrações, que vão da comunidade da Rocinha e as escolas de samba da Mangueira e do Salgueiro no Rio de Janeiro, à cidade de Cachoeira, no recôncavo baiano, ao bairro de Brotas em Salvador, passando pelas manifestações culturais do jongo e tambor de crioula e pelas religiões de matriz africana, o candomblé e a umbanda: todos exemplos de quilombo que derivam de Palmares. A ideia de união, resistência, luta e coletividade é reiterada no episódio pelo Prof. Dr. Hélio Santos, que ao lembrar sobre sua trajetória, é categórico: “eu nunca posso conjugar o verbo na primeira pessoa. Tudo que eu fiz, praticamente tudo, eu estava com outras pessoas”.

Para Beatriz do Nascimento (2006, p.117), o quilombo “representou na história do nosso povo um marco na sua capacidade de resistência e organização”, uma forma constante de disputa contra o apagamento que foi e ainda nos é imposto pela visão que o mundo ocidental procurou transmitir da África, enquanto um “continente isolado e bizarro, cuja História foi despertada com a chegada dos europeus” (idem). Em um outro episódio, intitulado “Eu falei faraó: cultura e resistência”, que se debruça, em especial, sobre a importância cultural e política dos blocos afro da Bahia, o cantor e compositor Luciano Gomes fala sobre não ter aprendido nada sobre a África ou sobre a escravidão, para além do básico, na escola, mas sim nos blocos afro como o Ilê Aiyê, o Muzenza, o Malê de Balê e o Olodum – um dos principais responsáveis pela revitalização e ressignificação cultural do Pelourinho.

Na tela, vemos imagens do carnaval de Salvador de diversas épocas, dos desfiles dos blocos, da concentração do povo negro nas ladeiras do Pelourinho para ouvir Margareth Menezes entoar os versos fortes de “Faraó: divindade do Egito” quando do seu lançamento em 1987. Em *off*, Emicida pontua: “eu acho foda ver que o Pelourinho, como toda diáspora negra, transforma o lugar de dor e lugar de exaltação de uma cultura, de lugar de onde os negros eram punidos, a lugar onde eles são reverenciados”. Para Nascimento (2006), o século XIX marcou a passagem do quilombo enquanto

instituição em si, para símbolo de resistência étnica, cultural e política, instrumento ideológico contra formas de opressão.

Quilombo passou a ser sinônimo de povo negro, sinônimo de comportamento do negro e esperança para uma melhor sociedade. Passou a ser sede interior e exterior de todas as formas de resistência cultural. Tudo, de atitude à associação, seria quilombo, desde que buscasse maior valorização da herança negra. (p.124)

A série faz um movimento interessante de pensar, justamente, em diversos âmbitos, essa herança negra da qual fala Beatriz do Nascimento. Abdias do Nascimento (2002, p.258) afirma que “a memória do negro brasileiro é parte e partícipe nesse esforço de reconstrução de um passado ao qual todos os afro-brasileiros estão ligados”. E tomar conhecimento e consciência desse passado é também “ter uma consequente responsabilidade nos destinos e no futuro da nação negra-americana, mesmo enquanto preservando a nossa condição de edificadores deste país e de cidadãos genuínos do Brasil” (idem). Para o autor, quilombo significa estratégia e tática de sobrevivência e está em constante reatualização enquanto luta anticolonial e anti-imperialista, uma vez que “se articula ao pan-africanismo e sustenta radical solidariedade com todos os povos em luta contra a exploração, a opressão, o racismo e as desigualdades motivadas por raça, cor, religião ou ideologia” (idem, p.267).

O quarto episódio da série traz o pretuguês de Lélia Gonzalez como tema principal. Com participações de pensadores e intelectuais como Tiganá Santana e Flávia Rios e com citações e exibição de trechos de depoimentos de Makota Valdina, Clementina de Jesus, Carolina de Jesus e da própria Lélia Gonzales, Emicida costura de sua cabine eletrônica/TV pirata o discurso da linguagem como forma de resistência. O pretuguês é apresentado como traço de ancestralidade, “marca de africanização do português falado no Brasil” (GONZALES, 2020, p.115). A autora entende que “enquanto descendentes de africanos, a *herança africana* sempre foi a grande fonte revificadora de nossas forças. Por tudo isso, enquanto amefricanos, temos nossas contribuições específicas para o mundo pan-africano” (idem, p.124)

GNT, Emicida e suas contradições: “em que curva você se perdeu?”

A exibição da série no canal GNT é entendida aqui como parte de uma estratégia que, segundo Tess Chamusca (2020, p. 213) se intensificou em 2017, quando a emissora passou a se posicionar como um espaço de respeito às diferenças, propondo diálogos com uma sociedade em que as questões raciais e de gênero estão intensamente presentes no debate público. Esse movimento não é apenas do canal, mas sim “um diálogo que o próprio mercado audiovisual, de maneira mais ampla, busca estabelecer, como demonstra a presença crescente dessas temáticas nos principais eventos da área”. Segundo a autora, a diversidade como valor se expressa no GNT associada a três aspectos centrais: a mulher negra – em especial à presença de apresentadoras negras em dois dos principais programas da casa, como o “Superbonita” e o “Saia Justa” – uma nova relação com os movimentos feministas e a adoção do discurso do empoderamento. A partir de 2018, a discussão sobre diversidade e raça ganham uma voz masculina no canal, a partir do programa “Papo de Segunda”, porta de entrada de Emicida ao rol de apresentadores da emissora – programa esse que, agora, conta com Manoel Soares, jornalista que também coapresenta o programa “Encontro” da Rede Globo, como apresentador e o produtor audiovisual, diretor de televisão e empreendedor Kondzila que compõe o time de comentaristas, ambos negros.

Em vídeo publicado na sua página oficial no Facebook² para confirmar aos seus seguidores sua entrada para o programa, o rapper credita ter aceitado o convite ao fato de que “a gente sempre luta por mais espaço, mais diversidade, mais representação, e eu acredito que essa é uma oportunidade da gente estar ali dando umas ideias também”. E finaliza dizendo: “Se a gente acredita realmente no que a gente fala, a gente tem que levar pra mais pessoas esse discurso, inclusive para pessoas que, às vezes, até não concordam”. Nos comentários, em meio a muitas mensagens de congratulações e desejos de sucesso, alguns seguidores questionam a decisão: “Gosto muito de você, mas sinto muito. Não vou assistir à Globo do golpe”; “(...) vai dar audiência aos que manipulam e escravizam os seus? Em que curva você se perdeu?”.

² Emicida integra o novo time do programa “Papo de Segunda” na GNT: <https://www.facebook.com/EmicidaOficial/videos/1684168534974145/>, acessado em 04/05/2023.

Esse último comentário deixa ver algumas contradições e polêmicas nas quais Emicida esteve envolvido: como a acusação de machismo presente na letra da música “Trepadeira”³ – quando lançada, em 2013, movimentos feministas, a exemplos do Grupo Marcha das Vadias, publicaram manifestos de repúdio à música em redes sociais. Em participação no programa Roda Viva da TV Cultura⁴, o cantor voltou a ser questionado sobre a polêmica; aos altos preços das roupas de sua marca Lab fantasma⁵; sua ausência na manifestação antirracista que aconteceram em 07 de junho de 2020⁶, creditada ao momento de pandemia; ou ainda por afirmar fazer neo-samba e não apenas rap. Sobre esta última, Yu et.al (2021), em texto que discute afetos, gêneros musicais, legitimidade e tradição a partir do documentário “AmarElo: é tudo pra ontem”, questiona: “o neo-samba é apresentado como uma fusão ou atualização do samba, apagando as disputas aí expressas” (p. 8). Os “Neo-samba”, se configura então, como uma formulação que não possibilita ver as disputas históricas do samba, suas ligações com o movimento do rap e não disputa “a tradição que conforma o rap e o hip hop como lugares de misoginia, de humilhação, de ódio a mulheres e meninas negras, de heteronormatividade, de homofobia” (p.16).

Ocupar espaços e formar quilombos: “é tudo pra ontem”

Vemos também a partir da análise de Yu et.al (2021) que a potência de “AmarElo: é tudo pra ontem”, convoca “a força do amor para construir um lugar de encontro e união, que tem como base a cultura negra” (p.14). Compartilho com a visão exposta no texto, que acredita que “uma política afetiva do amor implica conexão e aliança, sem que as lutas do passado e do presente sejam desconsideradas. Na paisagem afetiva do

³ “Música de Emicida, ‘Trepadeira’ gera crítica de feministas na web”. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/cultura/megazine/musica-de-emicida-trepadeira-gera-criticas-feministas-na-web-9678164>, acessado em 04/05/2023.

⁴ “Emicida no Roda Viva: ‘Trepadeira’ não era um manifesto de como percebo as mulheres”. Disponível em: https://cultura.uol.com.br/noticias/11762_emicida-ao-roda-viva-trepadeira-nao-era-um-manifesto-de-como-eu-percebo-as-mulheres.html, acessado em 04/05/2023.

⁵ “Emicida diz não se ofender com críticas sobre preços da sua marca”. Disponível em <https://www.tenhomaisdiscosqueamigos.com/2020/07/30/emicida-criticas-lab-fantasma/>, acessado em 04/05/2023.

⁶ “Emicida rebate críticas por não ter ido à manifestação: ‘Rezando para que o contágio tenha sido baixo’”. Disponível em <https://revistaquem.globo.com/QUEM-News/noticia/2020/06/emicida-rebate-criticas-por-nao-ter-ido-manifestacao-rezando-para-que-o-contagio-tenha-sido-baixo.html>, acessado em 04/12/2021.

amor que me interessa, os *e/los* são múltiplos e contraditórios” (p. 19). Essa potência é refletida em “O enigma da energia escura”. Ambos os produtos estão alinhados ao que postula Abdias do Nascimento (2002, p.270) sobre a coletividade, a união e a força de transformação que está no cerne do conceito de quilombismo: “os negros têm como projeto coletivo a ereção de uma sociedade fundada na justiça, na igualdade e no respeito a todos os seres humanos, na liberdade; uma sociedade cuja natureza intrínseca torne impossível a exploração econômica e o racismo”.

Nessa esteira, vale um ponto de destaque, inclusive, para a centralidade que as discussões em torno de temas como raça, empoderamento negro, racismo estrutural e presença negra ganha na televisão brasileira, a partir da escalação do elenco do maior reality show do país, o Big Brother Brasil 2023, formado em sua metade por pessoas negras⁷ ou ainda o fato das três telenovelas da Rede Globo no ar atualmente terem protagonistas e parte do elenco principal formado por pessoas negras⁸. Fatos que nos apontam resultados, ainda pouco expressivos, mas já significativos, dos enfrentamentos políticos, culturais e sociais que o movimento negro vem travando ao longo dos anos.

Quando traz para a tela de uma emissora de TV uma série como “O enigma da Energia Preta”, que fala sobre a cultura negra a partir de falas e participações de pessoas negras ou quando ocupa o Teatro Municipal de São Paulo para a gravação ao vivo do show do seu disco “AmarElo” em duas sessões lotadas por uma plateia majoritariamente negra, Emicida propõe movimentos decoloniais para além do discurso, que rompe com o risco apontado por Bernardino-Costa, et.al (2018) de uma decolonialidade enquanto puramente retórica academicista. Aqui vemos um projeto que se mostra preocupado com a intervenção sobre a realidade. Vejo não só a promessa, mas sim ação de transformação nas músicas, nos clipes, nos shows e na presença de Emicida na TV, seja enquanto apresentador de um programa de debates, seja como condutor de uma série de TV que anseia por visibilizar uma cultura, cujas tentativas de apagamento são diárias e insistentemente mais barulhentas.

⁷ “BBB 23: edição tem número recorde de participantes negros”. Disponível em: <https://www.opovo.com.br/divirtase/bbb/2023/01/17/bbb-23-edicao-tem-numero-recorde-de-participantes-negros.html>, acessado em 11/05/2023.

⁸ “Pela primeira vez, todas as novelas da globo têm protagonistas negros; atrizes celebram conquista”. Disponível em: <https://mundonegro.inf.br/pela-primeira-vez-todas-as-novelas-da-globo-tem-protagonistas-negros-atrizes-celebraram-a-conquista/>, acessado em 11/05/2023.

Por fim, falo aqui da figura de Emicida, mas sem deixar de referenciar a equipe que está por trás dos projetos do artista, as vozes que são convocadas por ele em seus empreendimentos artísticos e midiáticos e que, em certa medida, estão sendo conhecidas por uma grande parte de sua audiência a partir dessas obras. Se “tudo que nós tem é nós”, como diz o refrão de “Principia”, música que abre o álbum “AmarElo”, Emicida consegue, a partir do seu quilombo, lançar luz a ideias, histórias e nomes, olha para trás e apresenta esse passado para muitos que ainda não o conhecia e se volta ao presente criando bases importantes para um projeto de futuro menos desigual e com mais valorização da cultura afrodiaspórica brasileira.

REFERÊNCIAS

BERNARDINO-COSTA, Joaze; GROSFUGUEL, Ramón, MALDONADO-TORRES, Nelson. *Decolonialidade e pensamento afrodiaspórico*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2018.

CHAMUSCA, Tess. *O GNT faz seu gênero? Uma abordagem cultural do canal televisivo e de suas relações com identidades de gênero*. Tese de Doutorado, 2020. Disponível em: http://poscom.tempsite.ws/wp-content/uploads/2011/05/Tese_Tess_Chamusca-2.pdf. Acessado em 04/05/2023.

GONZALEZ, Lélia. *Por um feminismo afro-latino-americano: ensaios, intervenções e diálogos*. Organização de Flávia Rios e Marcia Lima, Rio de Janeiro: Zahar, 2020.

NASCIMENTO, Abdias. O Quilombismo. In: *O Quilombismo: documentos de uma militância pan-africana*. Brasília: Fundação Cultural Palmares, 2002, pp. 255-295.

NASCIMENTO, Beatriz. O conceito de quilombo e a resistência cultural negra. In: RATTI, Alex. *Eu sou atlântica: sobre a trajetória de vida de Beatriz Nascimento*. São Paulo: Instituto Kuanza, Imprensa Oficial, pp. 117-125, 2006.

Yu, Wendi; FARIAS, Daniel de Oliveira; GOMES, Itania Maria Mota; LEAL, Bruno de Souza. Amar é suficiente? Afetos e gênero nas disputas por legitimidade e tradição em *AmarElo*. COMPÓS, 2021. Disponível em <https://proceedings.science/compos-2021/papers/amar-e-suficiente--afetos-e-genero-nas-disputas-por-legitimidade-e-tradicao-em-amarelo-----e-tudo-para-ontem>, Acessado em 04/05/2023.